

DESAFIOS PARA UMA PRÁTICA TEATRAL CRÍTICA: TEATRO DO OPRIMIDO EM PERSPECTIVA DIALÉTICA

CHALLENGES FOR A CRITICAL THEATRICAL PRACTICE: THEATRE OF THE OPPRESSED IN DIALECTICAL PERSPECTIVE

Mariana Sapienza Bianchi¹

¹ Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero e Licenciada em Arte-Teatro pelo Instituto de Artes da UNESP. Mestra em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes da UNESP. Doutoranda em Literatura Alemã pelo Departamento de Letras Modernas da FFLCH-USP, com pesquisa sobre o teatro épico-dialético de Bertolt Brecht. E-mail: mbsapienza@gmail.com. ORCID: 0000-0002-8710-2944

Resenha

Resenha do livro *Sobre antigas formas em novos tempos: o Teatro do Oprimido hoje, entre 'ensaio da revolução' e técnica interativa de domesticação das vítimas*, de Julian Boal, lançado em 2022 pela editora Hucitec.

Review

Review of the book *Sobre antigas formas em novos tempos: o Teatro do Oprimido hoje, entre 'ensaio da revolução' e técnica interativa de domesticação das vítimas*, by Julian Boal, released in 2022 by Hucitec publishing house.

O Teatro do Oprimido (TO) é uma metodologia cuja prática parte de sua atitude solidária e de libertação, tomando o lado das pessoas que enfrentam situações de opressão em nossa sociedade, a fim de fazê-las visíveis, debater-las e buscar meios para superá-las. Apesar de assumir esses princípios, seria possível que o TO exercesse posturas autoritárias e atitudes conservadoras e, assim, desse no seu contrário? Seria possível que, ao invés de ser utilizado como meio de libertação, servisse aos interesses da classe dominante e prejudicasse as próprias pessoas oprimidas?

Essas são, a nosso ver, algumas das questões das quais parte Julián Boal, em seu livro *Sobre antigas formas em novos tempos: o Teatro do Oprimido hoje, entre 'ensaio da revolução' e técnica interativa de domesticação das vítimas* (BOAL, 2022), lançado no ano passado. Os escritos são, em sua maioria, resultado de sua pesquisa de Doutorado, que parte do acúmulo das muitas experiências e reflexões sobre a prática do TO ao longo dos anos para colocá-las em debate, fazer as críticas necessárias e, dialeticamente, superá-las.

Para realizar essa tarefa, o autor, num primeiro momento, coloca em chave histórica o trabalho de Augusto Boal, tanto durante sua experiência no Teatro de Arena, quanto no período da ditadura civil-militar e da criação e desenvolvimento do TO, para assim mostrá-lo como fruto de seu próprio momento histórico. Augusto Boal, organizador desse método que se espalhou pelo mundo, buscava responder a seu próprio tempo, em suas contradições e exigências sociais e políticas. Nas palavras do autor:

O TO nasce de um contexto específico que tem a nosso ver como principal característica o colapso tanto das democracias formais latino-americanas como da esquerda que lutava por sua superação, colapso que atingiu tanto suas organizações como suas hipóteses estratégicas. (...) O presente estudo tem como hipótese que o TO nasce, pelo menos em parte, dessa crítica ao núcleo central das teses dominantes na esquerda de então – sobre a marcha da história, sobre as alianças e o sujeito político, sobre o papel dos intelectuais – cujo representante mais importante era o PCB. A nossa hipótese é que o duplo colapso mencionado e a tentativa de solucioná-lo serão, para o TO, não somente a conjuntura no qual ele nasceu, mas que eles foram traduzidos em um princípio interno que ordena seus dispositivos técnicos. Em outras palavras, o que tentaremos estabelecer aqui é que, se o teatro do oprimido como um todo se quer um instrumento de luta contra a ditadura, ele é igualmente, por seus próprios dispositivos teatrais, uma crítica ao PCB (BOAL, 2022, p. 44).

Para cumprir tais objetivos, Augusto Boal utilizou todas as ferramentas e técnicas teatrais que tinha em mãos, além do acúmulo de experiências e debates realizados no contexto dos trabalhos com o Teatro de Arena. Conforme comenta Julián Boal, podemos ver, por exemplo, as características da dramaturgia dramática como eixo da construção da cena de Teatro Fórum (TF), proposta por Augusto Boal:

[...] por se ater a uma forma na qual as mediações sociais não podem ser representadas adequadamente, A. Boal não somente parece inflacionar desmesuradamente as potencialidades do sujeito e de sua capacidade de decisão como também proporcionalmente reduzir a força dos sistemas de opressão (BOAL, 2022, p. 188).

Se as características do drama nos remetem à livre iniciativa dos indivíduos em cena e ao diálogo como motor de seus desejos e vontades, e cujo movimento se dá através de ações que são tomadas com atos de consciência de si e do mundo, então o TF, talvez, não poderia ele mesmo ser uma técnica apta a abrir espaço para uma apropriação conservadora, delegando aos indivíduos a responsabilidade pela superação de suas próprias opressões, ocultando as contradições sociais geradas no sistema capitalista?

Julián Boal apresenta esse debate, pois para o autor as contradições do TO vão muito mais além de uma “boa vontade” das pessoas praticantes desse método. É possível que existam usos do TO que ignoram ou que vão diretamente contra os interesses das pessoas oprimidas, como nos casos em que se utiliza o TO para conseguir melhores empregos, para se relacionar melhor em ambientes de trabalho e até mesmo para apaziguar e silenciar situações de exploração e dominação.

No entanto, se partimos do princípio de que o TO deve ser historicizado e criticado, podemos concluir que é necessário também refletir sobre as formas e técnicas teatrais que utilizamos. Hoje, no mundo do empreendedorismo, do discurso da superação individual das dificuldades, de saídas heróicas individualizantes e de responsabilização do fracasso pessoal, seria importante também analisar em que medida algumas práticas e formas teatrais podem reproduzir esse discurso – seja por ingenuidade, seja por mau-caratismo. Julián Boal nos propõe a seguinte reflexão:

[...] o apego tenaz as formas dramáticas em que livres vontades se chocam [motor do drama] não pode ser visto como mero engano ou falso discurso. Na verdade, ele corresponde a um horizonte de expectativa das nossas subjetividades criado pelo momento atual do sistema de opressão. Ou seja, o que exploraremos aqui é a hipótese, que ainda não consideramos definitiva ou exclusiva, que o TO seja hoje utilizado não como uma ferramenta para a luta, mas ao contrário um auxiliar menor da nossa dominação (BOAL, 2022, p. 190).

Julián Boal nos propõe, assim, uma análise crítica do TO, e também uma reflexão sobre as técnicas e formas teatrais adotadas, que devem ser entendidas não como fórmulas a serem seguidas, mas sim como objetos de crítica, que devem ser considerados em seu momento histórico. Ainda, se nós estamos interessadas em seguir essa prática e contribuir para a superação das opressões, seria extremamente necessário não apenas estudar os escritos e as propostas de Augusto Boal, mas também investigar o funcionamento do capital no nosso próprio contexto, fazendo o esforço dialético de superação.

Nenhuma técnica está isenta de cooptação dentro do sistema capitalista; cabe a nós o desafio de compreender o TO como um método que deve ser

analisado e praticado com um olhar atento à lógica do capital em seu estágio contemporâneo. Nossa subjetividade, forjada também dentro desse sistema, deve ser examinada com desconfiança. Nas palavras de Julian Boal: “Qual será o potencial emancipador desta forma teatral para os dias atuais, posto que nada garante que as críticas e as polêmicas de ontem sirvam para hoje?” (BOAL, 2022, p. 59).

Mais de quarenta anos após o início da criação do método do TO, as perguntas que Julian Boal nos coloca são fundamentais para avançar nas práticas teatrais que buscam a análise e superação não apenas das opressões que sofremos, mas principalmente do sistema que hoje organiza a produção e reprodução da vida social. No capitalismo, se até mesmo a luta já pode ser transformada em mercadoria (BENJAMIN *apud* BOAL, 2022, p. 75), o método histórico, materialista e dialético pode funcionar como ferramenta útil para construir coletivamente um Teatro do Oprimido que nos ajude a investigar as contradições sociais, as dificuldades, os avanços e recuos, sem falsificar a realidade.

Nas palavras do autor: “Será que o TO, na verdade, só é tão difundido por reproduzir em outra chave algo que já é incorporado a ordem dominante das coisas?” (BOAL, 2022, p. 84). Julian Boal não oferece soluções fáceis para essa tarefa, porém as questões colocadas por ele são fundamentais para que avancemos, seja para praticantes do Teatro do Oprimido, seja para trabalhadores do teatro em termos profissionais, estudantis e/ou de militância.

Referências

BOAL, Julián. **Sobre antigas formas em novos tempos:** o Teatro do Oprimido hoje, entre “ensaio da revolução” e técnica interativa de dominação das vítimas. 1ª ed. Hucitec: São Paulo, 2022.

Submetido em: 23/10/2023

Aceito em: 17/12/2023